



O Servo de Deus **JOSEMARÍA**
ESCRIVÁ DE BALAGUER
Fundador do Opus Dei

VICE-POSTULAÇÃO DO OPUS DEI EM PORTUGAL. Campo Grande, 193. 1700 LISBOA

Este **BOLETIM INFORMATIVO** publica-se com aprovação eclesiástica da Sagrada
Congregação para as Causas dos Santos.

BOLETIM INFORMATIVO N.º 8 — LISBOA

Sessenta anos do Opus Dei

Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer y Albás nasceu em Barbastró (Espanha), a 9 de Janeiro de 1902. Frequentou o curso do liceu em Barbastró e Logronho, e fez os estudos eclesiásticos na Universidad Pontificia de Saragoça, onde se licenciou em Sagrada Teologia. Mais tarde viria a fazer, em Roma, o respectivo doutoramento.

Frequentou o curso de Direito Civil na Universidad de Saragoça e, posteriormente, doutorou-se na Universidad de Madrid. Em 1960, recebeu o título de Doutor *honoris causa* em Filosofia e Letras, pela Universidad de Saragoça. Foi o primeiro Grão-Chanceler das Universidades de Navarra, em Espanha, e de Piura, no Peru.

Ordenado sacerdote, a 28 de Março de 1925, iniciou o seu trabalho pastoral em paróquias rurais e, a partir de 1927, entre os pobres e doentes dos bairros periféricos e hospitais de Madrid. Alguns anos mais tarde, foi nomeado Reitor do Real Patronato de Santa Isabel, também em Madrid, cargo que desempenhou até 1946, quando mudou a sua residência para Roma.

Foi Consultor de diversas Comissões Pontificias e Congregações da Santa Sé, Prelado Doméstico de Sua Santidade e Membro da Pontificia Academia Romana de Teologia.

Tinha fundado, no dia 2 de Outubro de 1928, em Madrid, o Opus Dei, caminho de santificação no meio do mundo e fermento de intensa vida cristã em todos os ambientes. A 14 de Fevereiro de 1930, Mons. Escrivá de Balaguer fundava a Secção Feminina do Opus Dei; e, a 14 de Fevereiro de 1943, dentro do Opus Dei, a Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz. O Opus Dei recebeu a aprovação definitiva da Santa Sé, a 16 de Junho de 1950; e, a 28 de Novembro de 1982, foi erigido em Prelatura pessoal, forma jurídica introduzida no Direito da Igreja pelo Concílio Vaticano II, que era a desejada e prevista por Mons. Escrivá de Balaguer.

Com oração e penitência constantes, e com uma contínua e incondicionada entrega à Vontade de Deus, o Padre — como lhe chamam os seus filhos e filhas, e muitos outros milhares de pessoas de todas as condições — impulsionou e dirigiu a expansão do Opus Dei por todo o mundo, ao longo de quarenta e sete anos. Quando o seu Fundador entregou a sua alma a Deus, o Opus Dei estava já estendido nos cinco Continentes, e contava com mais de 60 000 membros, de 80 nacionalidades, ao serviço da Igreja com o mesmo espírito de plena união e veneração ao Papa e aos Bispos, que sempre viveu e inculcou nos seus filhos Mons. Escrivá de Balaguer.

A Santa Missa era a raiz e o centro da vida interior do Fundador do Opus Dei. O profundo sentido da sua filiação divina levava-o a procurar em tudo a mais completa identificação com Jesus Cristo, a ter uma terna e forte devoção à Virgem Santíssima e a São José, a um convívio habitual e confiante com os Santos Anjos da Guarda e a ser um semeador de paz e de alegria, por todos os caminhos da terra.

Mons. Escrivá de Balaguer tinha oferecido a sua vida, repetidas vezes, pela Igreja e pelo Pontífice Romano. O Senhor acolheu esse oferecimento e o Padre entregou santamente a sua alma a Deus, em Roma, no dia 26 de Junho de 1975, no seu quarto de trabalho, com a mesma simplicidade que caracterizou toda a sua existência.

O seu corpo repousa na Cripta da Igreja prelatícia de Santa Maria da Paz — Rua Bruno Buozzi, 75, Roma —, continuamente acompanhado pela oração e o agradecimento dos seus filhos e filhas e de inúmeras pessoas que se aproximaram de Deus, atraídas pelo exemplo e ensinamentos do Fundador do Opus Dei. A Causa de beatificação e canonização de Mons. Escrivá foi introduzida em Roma, no dia 19 de Fevereiro de 1981.

O Servo de Deus Josemaría Escrivá de Balaguer está para sempre indissoluvelmente unido ao Opus Dei, uma vez que, como se lê na oração para a devoção privada, foi «instrumento fidelíssimo» escolhido por Nosso Senhor para fundar a Obra de Deus. Desde a data da fundação, a 2 de Outubro de 1928, a vida do Servo de Deus identifica-se com o nascimento e o desenvolvimento da Obra a que se entrega com todo o ardor e a capacidade de amar que Deus lhe tinha concedido superabundantemente.

Quando, anos mais tarde, lhe perguntaram como é que o Opus Dei tinha vindo ao mundo, o Fundador, com humildade e recordando a absoluta carência de meios materiais, respondia: **Sem nenhum meio humano. Eu tinha apenas 26 anos, a graça de Deus e bom humor. A Obra nasceu pequena: não era mais que o empenho de um jovem sacerdote, que se esforçava por fazer o que Deus lhe pedia.**¹

Passaram 60 anos sobre aquele 2 de Outubro. A mensagem que Deus pôs no seu coração sacerdotal era — segundo as suas próprias palavras — **uma novidade antiga como o Evangelho, que torna acessível a pessoas de todas as classes e condições — sem discriminação de raça, de nação ou de língua — o doce encontro com Jesus Cristo nas tarefas de cada dia. Novidade bem simples, como são as boas novas do Senhor.**²

A semente divina rendeu em muito poucos anos um fruto generoso, de tal forma que em 1967 o Servo de Deus podia dizer:

Os que seguiram Jesus Cristo comigo, pobre pecador, são: uma pequena percentagem de sacerdotes (...) e a grande multidão formada por homens e mulheres de diversas nações, de diversas línguas, de diversas raças, que vivem do seu trabalho profissional, casados na sua maior parte, solteiros muitos outros, que participam com os seus concidadãos na grave tarefa de tornar mais humana e mais justa a sociedade temporal, na nobre lide das ocupações diárias, com responsabilidade pessoal — repito —, alcançando e sofrendo, ombro a ombro com os outros homens, êxitos e fracassos, procurando cumprir os seus deveres e exercer os seus direitos sociais e cívicos. E tudo isto, com naturalidade, como qualquer cristão consciente, sem mentalidade de selectos, fundidos na massa dos seus colegas, enquanto procuram detectar a luz divina que reverbera nas realidades mais vulgares.³

A novidade da mensagem proclamada por aquele jovem sacerdote — a grande maioria dos cristãos ser chamada a alcançar a santidade no trabalho profissional e, através dele, no meio do mundo — provocou logo incompreensões e calúnias (aliás, sempre foi assim nas obras de Deus) e, no Fundador, dor e sofrimento juntamente com uma alegria e bom humor que contagiavam aqueles que o seguiam:

Capa: Mons. Escrivá em Castellldaura, Barcelona (Espanha). Novembro de 1972.

Sabeis porque é que a Obra se tem desenvolvido tanto? Porque a trataram como se fosse um saco de trigo: deram-lhe pancadas, maltrataram-na; mas a semente é tão pequena que não se partiu; pelo contrário, espalhou-se aos quatro ventos, caiu em todas as encruzilhadas humanas onde há corações sedentos de Verdade, bem-dispostos, e agora temos tantas vocações e somos uma família numerosíssima e há milhões de almas que admiram e amam a Obra, porque vêem nela um sinal da presença de Deus entre os homens, porque reconhecem essa misericórdia divina, que não se esgota.⁴

O Opus Dei cresceu «com a ajuda da graça divina — afirma João Paulo II na Constituição Apostólica *Ut sit* —, ao ponto de se difundir e trabalhar num grande número de dioceses de todo o mundo, como um organismo apostólico composto de sacerdotes e leigos, tanto homens como mulheres, que é ao mesmo tempo orgânico e indiviso — ou seja, como uma instituição dotada de uma unidade de espírito, de fim, de regime e de formação — e tornou-se necessário conferir-lhe uma configuração jurídica adequada às suas características peculiares».⁵

Como consequência, em 1982, o Papa erigiu aquela «família numerosíssima», de que falava o Fundador do Opus Dei, em Prelatura pessoal, segundo normas emanadas do espírito do Concílio Vaticano II: era precisamente a forma jurídica que o Fundador desejava e pela que tinha rezado e feito rezar durante muitos anos, pois permite que o «Opus Dei seja sempre um instrumento apto e eficaz da missão salvífica, que a Igreja leva a cabo para a vida do mundo».⁶

Decorreram sessenta anos desde aquele 2 de Outubro e o Opus Dei é uma realidade de trabalho apostólico ao serviço da Igreja Universal e das igrejas particulares. O seu desenvolvimento e crescimento continuam, com a graça de Deus; e os seus membros procuram que as suas vidas e actividades apostólicas sigam a ânsia divina que o Senhor pôs na alma do Fundador, porque o Opus Dei existe só para o serviço da Igreja e da humanidade inteira: a sua tarefa consiste em «esforçar-se por realizar a doutrina do chamamento universal à santidade, e por promover a santificação do trabalho e, através desse mesmo trabalho profissional, entre todas as classes sociais».⁷

A obra realizada foi possível porque, como afirmava em 1983, com agradecimento filial, o actual Prelado, Mons. Alvaro del Portillo, «o Opus Dei teve também, durante todo o seu caminho, a contínua ajuda de Nossa Senhora, a quem o nosso Fundador amou apaixonadamente. Eu diria que foi precisamente Ela que conduziu todos os nossos passos e que isso nos faz sentir a sua protecção maternal».⁸

1 *Temas Actuais do Cristianismo*, Ed. Prumo/Rei dos Livros, Lisboa 1984, n.º 32.

2 S. Bernal, *Apontamentos sobre a Vida do Fundador do Opus Dei*, Ed. Prumo, Lisboa 1978, pág. 111.

3 *Temas Actuais...*, n.º 119.

4 S. Bernal *op. cit.*, pág. 311.

5 Constituição Apostólica *Ut sit*, 28-XI-82: AAS 85 (1983), pág. 423.

6 *Ibid.*

7 *Ibid.*

8 *L'Osservatore Romano*, 25-III-83, pág. 7.

Que a tua vida não seja uma vida estéril. — Sê útil. — Deixa rasto. — Ilumina, com o resplendor da tua fé e do teu amor.

Apaga, com a tua vida de apóstolo, o rasto viscoso e sujo que deixaram os semeadores impuros do ódio. — E incendeia todos os caminhos da Terra com o fogo de Cristo que levavas no coração (*Caminho*, n.º 1).

«**P**eça por mim — dizias —, que eu seja generoso, que progrida, que chegue a transformar-me de tal modo que algum dia seja útil para alguma coisa.»

Muito bem. — Mas, que meios utilizas para que esses propósitos se tornem eficazes? (*Sulco*, n.º 3).

Escolheu-nos antes da criação do mundo para sermos santos. Eu sei que isto não te enche de orgulho, nem contribui para que te consideres superior aos outros homens. Essa escolha, raiz do teu chamamento, deve ser a base da tua humildade. Costuma levantar-se porventura algum monumento aos pincéis dum grande pintor? Serviram para fazer obras-primas, mas o mérito é do artista. Nós — os cristãos — somos apenas instrumentos do Criador do mundo, do Redentor de todos os homens (*Cristo que Passa*, n.º 1).

Com frequência, sinto vontade de gritar ao ouvido de tantas e de tantos que, no escritório e no comércio, no jornal e na tribuna, na escola, na oficina e nas minas e no campo, amparados pela vida interior e pela Comunhão dos Santos, têm de ser portadores de Deus em todos os ambientes, segundo o ensinamento do Apóstolo: «glorificai a Deus com a vossa vida e levai-o sempre convosco» (*Forja*, n.º 945).

Achamada do Senhor — a vocação — apresenta-se sempre assim: «Se alguém quer vir após Mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-Me.»

Sim, a vocação exige renúncia, sacrifício. Mas, que agradável acaba por ser o sacrifício — *gaudium cum pace*, alegria e paz —, se a renúncia é completa! (*Sulco*, n.º 8).

Porque não experimentas converter em serviço de Deus a tua vida inteira: o trabalho e o descanso, o pranto e o sorriso?

Podes... e deves! (*Forja*, n.º 679).

Tu hás-de procurar que haja, no meio do mundo, muitas almas que amem a Deus de todo o coração.

— É a hora de deitar contas: quantas ajudaste tu a descobrir esse Amor? (*Forja*, n.º 898).

Pressentir o amor de Deus

No dia 28 de Junho de 1974, o Fundador do Opus Dei, atravessando a Cordilheira dos Andes, sobrevoa o território chileno. Poucas horas depois, encontra-se rodeado de estudantes na Residência Alameda, em Santiago do Chile. Arde em desejos de os levar a serem melhores, a comprometerem-se na bela e árdua tarefa de se formarem cristãmente. Mons. Escrivá está a terminar uma intensíssima obra de catequese na América do Sul. Primeiramente no Brasil, depois na Argentina, falou a muitos milhares de pessoas, de todas as condições sociais, respondendo ao que lhe perguntavam sobre como encarnar o Evangelho no meio das ocupações familiares e profissionais, abrindo a muitas e muitas almas novos horizontes de amor de Deus. Cada uma destas reuniões recorda-lhe os começos da Obra em Madrid...

E, de súbito, metendo-se no diálogo, um rapaz, quase adolescente, levanta-se:

— Padre, não sou do Opus Dei, mas como poderia chegar a sê-lo?

O Servo de Deus sabe bem dessas impaciências juvenis. Talvez por uns segundos voe com a sua imaginação aos anos de juventude...

— Ouve lá, que idade tens?

— Quinze anos, Padre.

— Na tua idade, eu não era do Opus Dei nem sabia o que era o Opus Dei... nem existia o Opus Dei! (...) Mas tinha as mesmas inquietações que tu. Na tua idade, mais ou menos, quando as paixões começam a agitar-se e a puxar-nos para baixo, por aqui ou por ali, e a vista a escapar-se, pressenti o Amor! Não ficou corado ao dizer-to; estes não nos ouvem.

Estamos sós, tu e eu. Tinha a tua idade quando pressenti o Amor. E dei uma reviravolta, com a graça do Senhor, embora não fosse mau anteriormente. Quem sabe se não estarás a pressentir o Amor?

O Opus Dei é um caminho de amor. No Opus Dei pode-se andar por todos os caminhos da Terra, tornando-os divinos, sem deixarem de ser muito humanos, porque Deus Nosso Senhor não nos pede coisas desumanas. Se te estou a falar com este carinho de irmão mais velho e de Padre, é porque sou homem como tu. E quando falo com o meu Senhor — com Deus — falo-Lhe com a minha voz de homem ou com a minha mente de homem, porque umas vezes rezo, outras vezes oro. E digo-Lhe que O amo, porque é verdade. Com este coração que poderia ter enchido com o carinho a uma mulher, com este coração com que amei a minha mãe e o meu pai, respondo-te e falo com Deus.

Julgo que presentes alguma coisa. Deixa-te levar pela graça! Deixa que o teu coração voe! Porque se é verdade que o coração humano está inclinado para as coisas baixas, também tem asas para voar alto, até ao Coração de Deus. Faz a tua pequena novela, uma novela de sacrifícios e heroísmos. Com a graça de Deus ficarás aquém da realidade¹.

AOS QUINZE ANOS

A pergunta deste rapaz convida a voltar atrás nas páginas da história. Decorrem os dias das férias do Natal de 1917-1918. A neve espessa cobre por com-



Imagem de Nossa Senhora dos Anjos, que se encontra numa capela de Santa Maria La Redonda, onde o Servo de Deus ia com frequência rezar.

pleto a paisagem de Logroño, a capital da Rioja espanhola. O frio intensíssimo destempera a cidade até aos 16 graus negativos, como nunca tinha acontecido. As árvores, as ruas e os passeios parecem obra da fantasia de um gigantesco escultor. O rio está coberto por uma camada gelada e sólida. O trânsito pelas ruas é perigoso, apesar das camadas de palha que os empregados municipais estendem.

Josemaría Escrivá de Balaguer, que vive com a família na Rua de Sagasta, na casa da esquina com a Rua Vieja, muito perto da ponte metálica sobre o rio Ebro, contempla durante estes dias o espectáculo insólito da cidade nevada. Certa manhã, pelas ruas de Logroño, repara nas pegadas que ficaram impres-

sas na neve pelos pés descalços de um carmelita, Frei José Miguel.

Este pormenor de abnegação heróica levanta anelos generosos na alma de Josemaría. Se outros são capazes de viver por amor a Deus uma vida de sacrifício, que faço eu por Ele? **Vêm-me ao pensamento tantas manifestações do Amor de Deus naqueles anos da minha adolescência** — comentaria anos mais tarde o Servo de Deus —, **quando pressentia que o Senhor queria alguma coisa de mim, que não sabia o que era. Acontecimentos e situações correntes, aparentemente inocentes, de que Ele se valia para meter na minha alma essa inquietação divina. Por isso entendi muito bem aquele amor tão humano e tão divino de Teresinha do Menino Jesus, que se comove quando, por entre as páginas de um livro, assoma uma estampa com a mão ferida do Redentor. Também a mim me aconteceram coisas desse estilo, que me sacudiram e me encaminharam para a comunhão diária, a purificação, a confissão e a penitência.**²

Ao mesmo tempo, Josemaría pede luz para conhecer a Vontade de Deus. E reza, com oração impetuosa, cheio de confiança, para que se realize aquilo que a Providência parece desejar e que ele não sabe em que consiste. Durante uns três meses, vai procurando, no Convento dos Carmelitas, Frei José Miguel. Conta-lhe o que acontece dentro de si, o horizonte de amor que Deus quis abrir na sua alma. Frei José Miguel compreende que está perante alguém que começou a saborear o Amor divino e propõe-lhe que entre para o Carmelo.

Josemaría medita nesta proposta. Mas, depois de a considerar atentamente, conclui que o Senhor tem outros planos para a sua vida. A partir daqui, é frequente encontrá-lo em Santa Maria La Redonda, numa belíssima capela barroca desta igreja, já que é presidida por uma imagem de Nossa Senhora dos Anjos, confiando as suas inquietações aos cuidados amáveis da Santíssima Virgem.

VOCAÇÃO SACERDOTAL

Presente o amor de Deus, apercebe-se do chamamento divino e, para estar mais disponível para aquilo que o Senhor lhe vier a mostrar, decide ser sacerdote. Nunca tinha pensado nisso, como contará anos mais tarde:

Amava muito os sacerdotes porque a formação que recebi em minha casa era profundamente religiosa. Tinham-me ensinado a respeitar e a venerar o sacerdote. Mas não o via para mim; seria para outros.

Lembro-me que quando andava no colégio estudávamos latim, de que eu não gostava nada. De uma maneira tola — estou tão arrependido! — dizia: o latim para os padres e para os frades... Vêm como andava bem longe de me ver sacerdote?³

Não é a ideia de fazer carreira eclesiástica que o move, mas sim estar mais disponível para cumprir aquela Vontade de Deus que ele ainda não conhece, mas que já lhe domina a vida.

E com esta convicção, surge o dia, em plena Primavera de 1918, em que comu-

nica tudo isto a seu pai. D. José Escrivá, que continua entregue ao trabalho de manter e assegurar o futuro da família, após a dura situação a que se viram reduzidos pelos reveses económicos, fica estarrecido. De repente desaba o futuro que sonhara para o seu único filho varão. E a emoção arranca-lhe algumas lágrimas, a ele que nunca chorara perante muitos acontecimentos dolorosos. O Servo de Deus recordava assim este momento:

Chegou o dia em que disse ao meu pai que queria ser sacerdote; foi a única vez que o vi chorar. Tinha outros planos possíveis a meu respeito, mas não se revoltou. Disse-me: «Meu filho, pensa bem nisso. Os sacerdotes têm que ser santos. (...) Pensa mais um pouco, mas eu não me aporei.»⁴

E D. José, com um respeito sério pela decisão livre de seu filho, leva-o a D. Antolín Oñate, Abade da Colegiada de Santa Maria La Redonda, para o aconselhar e ajudar no caminho empreendido.

Entretanto, o Servo de Deus continua a pedir luz para conhecer a Vontade de

Deus — *Domine ut videam!*, Senhor, que eu veja!; e a repetir uma confiada invocação para que se faça isso que o Senhor deseja: *Domine, ut sit!*, Senhor, que seja!, que se faça isso que Tu queres. Passou muitos anos assim, às escuras, em oração perseverante, com fé e com esperança de que daria fruto a semente que o Senhor tinha posto na sua mente e no seu coração.

Por aqueles meses, Josemaría escreve à tia Cruz Albás, irmã de sua mãe, religiosa carmelita no Convento de S. Miguel de Huesca. Conta-lhe a decisão de ser sacerdote e a necessidade de luz para conhecer os desígnios finais de Deus que, aos dezasseis anos, se apoderou do seu ser. Será uma constante da sua vida solicitar a ajuda das almas contemplativas para levar avante o que Deus lhe pede.

Sente-se pessoalmente incapaz de responder de modo adequado a esta escolha de Deus. E costuma repetir devagar uma ladainha que mostra raízes de profunda humildade: **Não valho nada, não tenho nada, não posso nada, não sou nada, não sei nada...**⁵ Mas sente-se forte e seguro nos braços de seu Pai Deus. E com generosa juventude, deixa-se levar pela divina loucura que irá impulsionar toda a sua vida. Da sua alma brota aquele grito, doce e forte, que saíra do coração do jovem Samuel: *Ecce ego, quia vocasti me! — Aqui estou, porque me chamaste!*⁶

NO SEMINÁRIO DE LOGROÑO

Em Outubro de 1918, Josemaría matricula-se no Seminário de Logroño como aluno externo, para começar os estudos de Teologia, regime já seguido por um bom grupo de alunos.

Josemaría chega ao seminário com provas de estudos secundários brilhantes, uma inteligência notável e clara, uma personalidade comunicativa e educada. Os companheiros recordarão a elegância natural dos seus modos, a cor-



Logroño. Maio de 1921. O Servo de Deus, com a idade de 19 anos, com o seu irmão Santiago.



Instituto de Ensino Secundário de Logroño, onde o Servo de Deus estudou os últimos anos do Liceu.

recção do seu porte e a nobre atitude de serviço com que oferece a sua amizade.

Começa um tempo de sacrifício e de alegria, uma fase de crescimento no Amor de Deus, de generosidade, de luta ascética.

Desde então e ao longo de dez anos de oração insistente e confiada, o Servo de Deus, na obscuridade dos pressentimentos de uma chamada divina, para algo que o Senhor ainda não lhe tinha mostrado, continua a pedir a sua realização: — Senhor, que seja!: *Domine, ut sit!*; Senhora, que seja!: *Domina, ut sit!*

¹ RHF 20771, pág. 45.

² RHF 20164, págs. 316-317.

³ RHF 20164, págs. 218-219.

⁴ RHF 20164, pág. 219.

⁵ RHF 20164, pág. 357.

⁶ I Sam. III, 9.

Sob o seu impulso espiritual

Com a sua heróica fidelidade à Vontade divina, com oração e mortificação incessantes, e com um trabalho cheio de esperança, Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer inspirou e dirigiu, durante 47 anos, o desenvolvimento apostólico do Opus Dei por todo o mundo.

A tarefa principal da Obra é a formação dos seus membros, para que cada um, individualmente, realize o seu trabalho apostólico de cristão, no mundo e na sociedade.

...o apostolado essencial do Opus Dei — em palavras do seu Fundador — é o que cada membro realiza individualmente no lugar em que trabalha, com a sua família, entre os seus amigos. Uma actividade que não chama a atenção, que não é fácil de traduzir em estatísticas, mas que produz frutos de santidade em milhares de almas, que vão seguindo Cristo, silenciosa e eficazmente, no meio da actividade profissional de todos os dias. (*Temas actuais do Cristianismo*, n.º 71).

Mas, além disso, como ele próprio respondia à pergunta de um jornalista, o Opus Dei, como corporação, promove, com o concurso de um grande número de pessoas que não estão associadas à Obra — e que muitas vezes não são cristãs —, trabalhos corporativos, com que procura contribuir para a resolução dos problemas que o mundo actual enfrenta: centros educativos, assistenciais, de promoção e habilitação profissional, etc. (*Temas actuais do Cristianismo*, n.º 84).

Iremos apontando aqui, com forçosa brevidade, algumas das muitas obras apostólicas que, com diferentes características, conforme as necessidades do lugar ou do tempo, nasceram sob o impulso espiritual do Fundador do Opus Dei.

Netherhall House Londres

Netherhall House é uma residência para universitários que estudam na Universidade de Londres e noutros centros de ensino superior da capital britânica. Foi inaugurada em Abril de 1952 graças ao impulso de Mons. Escrivá, que desde o princípio do trabalho apostólico do Opus Dei no Reino Unido animou os seus filhos a instalarem uma Residência internacional, como modo de contribuir para a formação humana e espiritual dos universitários. Sempre considerou Londres como uma **encruzilhada do mundo**, onde conviviam milhares de estudantes de todos os continentes. O seu amor às almas levava-o a compreender o grande bem que se faria em prol da acção evangelizadora da Igreja em países longínquos, com a formação que se poderia dar através de uma Residência universitária como esta.



Uma vista de Netherhall House.



Durante a inauguração dos novos edifícios de Netherhall pela Rainha-Mãe.

Numa entrevista ao *New York Times*, em 1966, Mons. Escrivá resumia assim a finalidade de Netherhall House e das outras Residências universitárias nascidas do espírito do Opus Dei: **Oferecem aos estudantes alojamento e diversos programas para completar a sua formação cultural, humana e espiritual. Netherhall House, em Londres, é talvez especialmente interessante pelo seu carácter internacional. Têm convivido nessa residência universitários de mais de cinquenta países. Muitos deles não são cristãos, porque as casas do Opus Dei estão abertas a todas as pessoas, sem discriminação de raça ou religião.**¹

Mons. Wheeler, então capelão da Universidade de Londres e mais tarde Bispo de Leeds, conheceu este Centro nos seus primeiros anos de funcionamento: «Quando começou Netherhall — recorda — animava os estudantes a que fossem por lá. Foi esse o meu primeiro contacto com um Centro do Opus Dei, mas desde então tenho-os visto em muitos outros sítios. O que sempre me agrada destes

Centros é o espírito de **boa** civilização: nenhuma grandiosidade excessiva, sempre bom gosto sem ostentação, e ao mesmo tempo uma autêntica cristianização da civilização da nossa época. Além disso, nota-se sempre um ar de família, que também me agradou. É um espírito de grande disciplina pessoal e de integridade. O Fundador do Opus Dei conseguiu o equilíbrio justo.»²

A fama de Netherhall estendeu-se rapidamente e em poucos anos foi necessário ampliar o edifício. Graças ao impulso de Mons. Escrivá, que a visitou diversas vezes nas viagens que fez a Londres entre 1958 e 1962, completaram-se os novos edifícios em 1966. No dia 1 de Novembro desse ano, foram inaugurados pela Rainha-Mãe, Chanceler-Mor da Universidade de Londres. No discurso de inauguração, referiu-se à necessidade que havia na capital de alojamentos condignos para universitários, sobretudo para os procedentes do ultramar. Depois, falando dos ideais que alicerçam a vida universitária, disse: «Não posso conceber um sítio melhor para promover tais valores do que Netherhall House, que se baseia em tradições cristãs, sobretudo na tradição de servir.»

Os novos edifícios, além de duplicarem a capacidade de Netherhall, elevando-a para cem lugares, tornam-se instrumentos eficazes de trabalho — como a biblioteca, frequentada por muitos estudantes não residentes — e meios para desenvolver as actividades de formação cultural que a Residência promove: um auditório para conferências, concertos ou projecções, além de outros espaços úteis para seminários e sessões de trabalho.

Era difícil imaginar em 1952 que, no decurso de pouco mais de 25 anos, 5000 residentes de 100 países diferentes tivessem passado por Netherhall House. Pessoas dos credos mais diversos conheceram os valores da fé cristã e espalharam por todo o mundo a mensagem de compreensão e de cordial colaboração que viveram na residência, porque, desde o começo, Netherhall caracterizou-se pelo ambiente de amizade e de família, onde o espírito cristão de solidariedade e de afecto recíproco permite superar todas as diferenças de raça, mentalidade ou cultura.



Londres, Agosto de 1961. O Servo de Deus com um grupo de filhos seus, quando se preparava o projecto das novas construções de Netherhall.

Além de receberem estímulos e meios para melhorar a sua preparação académica, os estudantes são convidados a pôr as suas capacidades à disposição dos outros: surgiram assim a ajuda a clubes de liceais e a colaboração em actividades assistenciais a pessoas idosas, pobres e doentes. Este espírito de serviço, que tantos universitários experimentaram durante a estadia em Netherhall, contribuiu para que muitos deles, não cristãos, chegassem a conhecer Cristo; alguns converteram-se à Igreja Católica; outros quiseram participar em iniciativas apostólicas na Grã-Bretanha ou em sítios tão diversos como o Japão, Nigéria, Quênia, Hong-Kong e Malásia.

Quando, depois de terminarem os estudos, regressam aos países de origem, muitos mantêm contacto com Netherhall. Nas suas cartas ou quando vêm visitar a Residência, nunca deixam de exprimir profunda gratidão pelos

anos que ali passaram ou pela experiência que ali tiveram de convívio com outros universitários, que os levou a descobrir a grande novidade da mensagem cristã: **É na convivência que se formam as pessoas, até que cada qual aprenda que, para poder exigir que respeitem a sua liberdade, deve saber respeitar a liberdade dos outros. (...) Os talentos próprios devem ser postos ao serviço dos demais, pois sem isso pouco valem. As obras corporativas que o Opus Dei promove em todo o mundo estão sempre ao serviço de todos, porque são um serviço cristão.**³

¹ *Temas Actuais do Cristianismo*, Ed. Prumo/Rei dos Livros, Lisboa 1984, n.º 56.

² *Scottish Catholic Observer*, 23-IV-1982.

³ *Temas Actuais...*, n.º 84.

Escrevem-nos

TODA A FAMÍLIA SE CONVERTE

Em Maio fui fazer uma romaria a uma ermida de Nossa Senhora com uma amiga minha que me contou estar gravemente doente e em perigo de vida o pai de uma antiga aluna minha.

Combinámos levar ao doente uma memória de Mons. Escrivá e um exemplar do *Boletim Informativo*, embora soubéssemos que nem ele nem ninguém da família eram cristãos. Assim se fez, sugerindo-lhe que pusesse a memória de Mons. Escrivá sob o travesseiro, e nós as duas, a minha amiga e eu, propusemos pedir a sua conversão por intercessão de Mons. Josemaría Escrivá.

Passados dois ou três meses, esta amiga telefonou-me. O doente tinha falecido há dois dias e o funeral teve lugar na igreja católica da sua terra. Tinha-se baptizado no dia anterior à morte.

«Foi a intercessão de Mons. Escrivá!», exclamou por duas vezes a minha amiga, esclarecendo-me que fora por expressa vontade do doente, então ainda em plena lucidez. Quando fui dar os pêsames à viúva e aos filhos, surpreendeu-me a alegria que se respirava no ambiente. Na capela ardente — arranjada ao estilo do país, o Japão — junto à fotografia do defunto havia uma cruz de prata e um livro de orações; na salinha, uma imagem de Nossa Senhora. Explicaram-me que o doente, desde que recebera a memória de Mons. Escrivá, a tinha sempre sob o travesseiro e que quando mudavam a roupa da cama verificava sempre com a mão se a memória estava no seu lugar.

Além disso, a graça não foi só para aquela alma: a mulher, a filha e as suas crianças e a nora tinham decidido receber a instrução para o Baptismo.

Em Junho deste ano, a esposa baptizou-se e os outros familiares perseveraram na preparação e instrução para o Sacramento.

A.M.B., Ashiya (Japão)

CONSEGUIU EMPREGO

Há já algum tempo pedia a Deus, por intercessão do nosso Padre, um emprego para um dos meus filhos. Pedia continuamente porque era na verdade urgente e necessário que tal acontecesse.

Um dia, numa casa que não era a minha, peguei por acaso num jornal e vi lá a referência a um concurso para um lugar, a abrir em breve.

Comuniquei isto ao meu filho e disse-lhe para ir ver do que se tratava concretamente. Eu, por minha vez, insisti ainda mais junto do nosso Padre.

O lugar em si era precisamente aquilo que mais podia convir ao meu filho. Concorreu e foi nomeado.

Quero agradecer esta grande graça, que, dadas as circunstâncias em que nos foi concedida, considero um verdadeiro milagre.

M.G., Coimbra (Portugal)

REGRESSOU À VIDA

O nosso filho de 18 anos foi atropelado por um carro que o deixou descerebrado, na estrada, tendo-se posto o condutor em fuga. Levámo-lo ao Sanatório e disseram-nos que não tinha salvação. Contudo, iam intervir só para lhe coser a cabeça. Depois, disseram-nos que não tinham podido retirar todas as esquirolas (que eram muitas) e que também tinha um edema pulmonar, mas nisso não mexiam porque afinal iria na mesma morrer. Deram-lhe entrada na UCI, em coma profundo, sem constantes vitais, esperando a sua morte a todo o momento, embora eu nunca acreditasse que o nosso filho morresse.

Pedimos a um sacerdote que lhe administrasse a Extrema-Unção, o que de facto fez. Coloquei na cama uma memória de Mons. Escrivá de Balaguer. Esperavam que morresse entre o quinto e o décimo dia. Mas, quando o médico fez a visita, viu que as constantes vitais começavam a responder. Um dos médicos da equipa, que não era crente, comentou: «Digam-me onde vive este Monsenhor, porque quero escrever-lhe a dizer que fez um milagre.»

Mas as coisas não ficaram por aqui. O nosso filho continuou em coma vinte e seis dias. Quando começou a despertar, transferiram-no para um quarto, já sem soro, e aceitou logo o pequeno-almoço que lhe serviram. Também me tinham dito que necessitaria de reaprender a falar, mas logo que me viu chamou por mim: «Mãezinha!» Disse-me como se chamava, quantos anos tinha, onde morava e até o número do telefone. Depois de dois anos teve novo internamento para a cranioplastia. Ao fim de oito dias já estava em casa e um mês depois começou os estudos de Magistério, fazendo o ano com boas notas.

É um milagre múltiplo feito por Mons. Escrivá de Balaguer ao nosso filho, que estava morto e voltou à vida.

Escrevo este testemunho como prova de agradecimento ao Fundador do Opus Dei e para que sirva para a sua Causa de Beatificação.

P.G.A., Santiago de Compostela (Espanha)

REGRESSOU AO LAR

Necessito, como devota e eterna agradecida à mediação diante de Nosso Senhor, de Mons. Josemaría Escrivá de Balaguer, dar a conhecer o favor concedido.

Há um ano e meio que o meu marido tinha saído de casa, com a intenção de se separar legalmente e refazer a sua vida.

Rezava diariamente a oração para a devoção privada a Mons. Josemaría Escrivá de Balaguer, pedindo pela sua rápida beatificação e para que voltasse a paz e o amor ao meu lar. Nunca perdi a esperança e a fé na sua intercessão.

E acontece que há três meses o meu marido voltou para junto de mim; mudou e agora é um homem compreensivo. É um verdadeiro milagre!

Desde então, rezo sempre a Mons. Escrivá de Balaguer e sou uma pessoa diferente, segura e positiva. Ele guia-me em tudo e com a sua ajuda consegui a felicidade para mim e para os meus filhos. Nunca o esquecerei!

O.B.P., Santiago (Chile)

RECEBEU A EXTREMA-UNÇÃO

Escrevo esta carta porque penso que esta graça me foi concedida através da intercessão de Mons. Josemaría.

Minha mãe, que há meses estava cancerosa, aproximava-se dolorosamente do final da caminhada nesta terra. Apesar de sempre ter sido uma alma piedosa e durante toda a doença ter sempre recebido o Senhor e a visita com frequência de um sacerdote amigo, eu não encontrava coragem para o chamar para lhe dar a Extrema-Unção porque receava que ela, que tanto amava a vida, se apercebesse que nos ia deixar, aos seus filhos e netos, que queria com entranhado amor.

Um amigo que nunca a viera visitar durante os longos meses da sua doença, nesse dia de tanta dúvida para mim, trouxe-me uma pagela com a oração a Mons. Josemaría e disse-me: «Peça-lhe que ele interceda junto do Senhor o que for melhor para a sua mãe.»

Retirei-me para o meu quarto e rezei com toda a fé a oração que me tinham acabado de dar. Nessa mesma noite, o sacerdote amigo veio, a meu pedido, dar-lhe a Extrema-Unção. E minha mãe reconheceu-o e conscientemente, serenamente, recebeu os últimos sacramentos.

Dois dias depois entregava a alma ao Senhor, na manhãzinha de um domingo de Julho luminoso, cheia de paz e serenidade.

M.G.P.P.M., Vila Nova de Gaia (Portugal)

DECIDIRAM BAPTIZAR-SE

Desejo que conste um favor que, graças à intercessão de Mons. Escrivá, consegui para uma amiga minha.

Esta amiga disse-me um dia que nem ela nem os filhos estavam baptizados. Imediatamente comecei a rezar a Mons. Escrivá, pedindo-lhe que ajudasse a minha amiga a reparar na necessidade de receber este sacramento. As minhas orações foram ouvidas por acréscimo. Não só as crianças receberam o baptismo católico, como ela própria está a receber instrução para converter-se ao catolicismo e ser em breve baptizada.

B.M.B., Loftus (Austrália)

VOLTAM À IGREJA

Os meus pais casaram-se só pelo civil há mais de quarenta anos. O meu pai não queria saber nada da Igreja e tanto ele como a minha mãe tinham-na abandonado há onze anos.

A minha mulher e eu começámos a pedir muitas vezes a ajuda e intercessão de Mons. Escrivá de Balaguer. Há um ano o meu pai e a minha mãe adoeceram gravemente. De novo pedimos com insistência a ajuda de Mons. Escrivá.

Dez dias antes do seu falecimento, o meu pai pediu a readmissão na Igreja, confessou-se, recebeu a Unção dos doentes e comungou. Simultaneamente, a minha mãe pediu também a readmissão na Igreja, confessou-se e exprimiu o desejo de contrair o matrimónio. Faleceram pouco depois, o meu pai ao fim de três dias, a minha mãe depois de três semanas.

Damos graças a Deus por estes dons e estamos firmemente convencidos de que estas conversões se devem à ajuda e intercessão de Mons. Escrivá.

M.L., Viena (Áustria)

Para publicação, dou-lhes conhecimento de que, por súplica a Mons. Josemaría Escrivá de Balaguer, alcancei do Senhor o maior favor da minha vida, visto que o meu lar estava a ponto de ficar destruído pelo facto de o meu marido se ter tornado, há tempos, num alcoólico.

Ao princípio rezava e pedia a Deus que o ajudasse a afastar-se do vício. Depois de muito pedir que mudasse a sua maneira de viver e de muito lutar sem nenhum resultado positivo, porque já não se importava com a sua vida nem com a dos filhos, cheguei à amarga conclusão de que era um caso perdido e a única coisa que deveria fazer era separar-me legalmente, pelo que arranjei um advogado e comecei os trâmites para a separação.

Mas enquanto fazia isto veio-me às mãos uma pequena memória de Mons. Josemaría Escrivá e com muita fé rezei a oração várias vezes. Qual não seria o meu espanto ao saber que o meu marido tinha decidido internar-se numa clínica para tratamento médico.

Desde então a minha vida mudou por completo, tal como a dos meus filhos. A paz voltou ao meu lar e não me canso de agradecer todos os dias a Deus e a Mons. Josemaría Escrivá terem sido ouvidas as nossas súplicas, pois foram dezoito anos de sofrimento e angústia e já considerávamos que era um caso perdido. Agora a fé e a esperança voltaram a encher a nossa vida, pois há nove meses que o meu marido não prova uma gota de álcool, o que considero um verdadeiro milagre.

M. V., Bogotá (Colômbia)

Numa altura em que me achava completamente abatido (desempregado, doente e com problemas familiares), um amigo pediu-me a direcção sem me explicar nada.

Alguns meses mais tarde recebi pelo correio o *Boletim Informativo*. Depois de o ter lido com atenção e interesse, comecei a rezar com confiança a oração para a devoção privada ao Servo de Deus Mons. Escrivá. Pedia a Deus, por intercessão do seu Servo Mons. Josemaría, em primeiro lugar a paz e a alegria interiores, e pouco a pouco fui-me sentindo mais tranquilo. Em segundo lugar, cinco meses depois, obtive um trabalho no qual ocupo uma função de direcção semelhante à anterior e em condições mais vantajosas. E, por fim, os outros problemas foram desaparecendo sucessivamente.

Não posso deixar de atribuir estes favores à ajuda e intercessão de Servo de Deus, a quem continuo a recorrer. Por tudo isto agradeço e posso cantar: «Louvarei o Senhor sempre e em toda a parte.»

Gostaria de receber os restantes *Boletins Informativos*. Obrigado.

B.M., Kisangani (Zaire)

A filha de uma amiga adoeceu. Era grave. A senhora tinha contactos com a Obra; emprestaram-lhe a pagela do nosso Padre com relíquia. A pequena não praticava, mas um dia que teve de se ausentar pediu a pagela à mãe, e mais tarde um terço que lhe tinham trazido do Sameiro.

Os pais, embora católicos praticantes, não tinham coragem de falar à filha para se confessar.

Era Verão, e uma cunhada da rapariga, que ia de férias, resolveu não ir sem que se chamasse o sacerdote. Falaram-lhe e recusou várias vezes. Por fim chamaram o sacerdote. A pequena confessou-se, recebeu a Unção dos doentes e o Escapulário de Nossa Senhora do Carmo. No dia seguinte faleceu.

Quando a filha estava depositada no dia do funeral, a mãe rezou o terço; o último mistério ofereceu-o em agradecimento às pessoas que tinham rezado pela filha, mesmo aquelas que não a conheciam, e àquelas que no céu tinham pedido por ela, e que agora a sua filha iria conhecer.

O.A.P., Porto (Portugal)

Estava a morrer porque os remédios que tomava não me produziam melhoras. Certa tarde chegou à minha casa uma prima que há dois anos não via e que, ao ver-me tão mal, me falou de Mons. Josemaría. Levou-me ao médico, que me disse para ir a um hospital de doenças infecciosas. Também me falou de Mons. Josemaría, deu-me uma memória e disse-me que lhe rezasse. Fi-lo e internaram-me no dia seguinte.

Depois de feitos os estudos, o diagnóstico foi lepra. Ao quarto dia de internamento tive uma melhoria surpreendente; aos quinze dias davam-me alta. Os médicos do hospital não podiam acreditar, mas eu, sim, porque tive muita fé na intercessão de Mons. Josemaría.

S.M.C., Llavallol (Argentina)

Num convento do meu país, uma freira já idosa padecia de uma doença nas pernas desde há bastante tempo, com muito sofrimento. Tinha-se submetido a tratamento em vários hospitais, sem resultado.

Um dia falou-me da sua longa doença e dos seus padecimentos; comecei então uma novena ao meu querido santo Mons. Josemaría. Poucos dias depois, visitei-a e perguntei-lhe pelas suas dores; disse-me que a dor tinha desaparecido e que já não tinha nenhum sintoma da doença.

Esta religiosa também sofria com outro problema: tinha uma visão menos nítida e os controlos médicos indicaram uma mudança de lentes, mas decorridos cinco meses não melhorava. Comecei a rezar ao nosso Mons. Josemaría e voltou a ver bem. Agora pode ler e escrever sem ajuda. Depois destes acontecimentos considera que não há nada mais milagroso que estas duas curas.

Ch. B., Singh Nagar (Índia)

Há vinte anos que tinha nas costas um furúnculo de cor escura que crescia lentamente e por vezes se tornava muito doloroso. No hospital oncológico tinham-me desaconselhado extirpá-lo.

Ao fim de algum tempo o furúnculo crescera notavelmente e doía-me muito mais. Comecei a rezar a Deus por intercessão de Mons. Escrivá. Rezava de manhã e à noite. Um mês depois, durante o banho, notei que a parte inchada tinha diminuído e estava como que achatada. Tinha prometido que se Deus queria ouvir a minha oração e o furúnculo diminuía, lhes escreveria a agradecer.

Hoje, com o coração cheio de agradecimento, comunico-lhes que o furúnculo secou e a mancha quase desapareceu, sem nenhum medicamento, em cinco meses. Obtive muitas graças por Mons. Josemaría. Distribuí entre muitas pessoas doentes memórias com a oração de Mons. Josemaría Escrivá.

H.B., Poznan (Polónia)

Envio-lhes um cheque de cinco libras como donativo por alguns favores recebidos.

No dia seis de Junho deste ano caí de uma escada e parti a perna direita. Feri-me tanto que os médicos duvidavam que pudesse voltar a andar. A dor que sofria era terrível. Por isso, a minha mulher trouxe-me a memória de Mons. Josemaría ao hospital. Costumava pôr a estampa debaixo da perna e rezar; era assim que a dor aliviava.

Durante as seis semanas em que estive no hospital pensava que enlouquecia, mas Mons. Josemaría conservou-me o juízo.

Poderiam mandar-me mais algumas memórias? As minhas irmãs de Nova Iorque querem que lhes envie algumas.

T.A., Birmingham (Inglaterra)

Os originais destes relatos, com os nomes e direcções dos que escrevem, conservam-se no Arquivo de Postulação da Causa.

Caminho

«Monsenhor Escrivá de Balaguer escreveu algo mais do que uma obra-prima: escreveu inspirando-se no seu próprio coração, e ao coração chegam directamente também os breves parágrafos que formam CAMINHO...» (*L'Osservatore Romano*, 24-III-1950).

A primeira edição deste livro é de 1934, com o título de *Consideraciones Espirituales*. Hoje são já 223 edições, em 38 idiomas, com 3 476 664 exemplares*.

Santo Rosário

Livro de meditações sobre cada um dos quinze mistérios da vida de Cristo, que se contemplam ao rezar o Santo Rosário.

A primeira edição publicou-se também em 1934. Desde então apareceram 83 edições, em 18 idiomas, e 525 769 exemplares*.

Temas Actuais do Cristianismo

Mons. Escrivá responde, por escrito, às perguntas formuladas por várias revistas e jornais de diferentes países.

A primeira edição é de 1968. Publicaram-se 42 edições, em 7 idiomas, com 292 820 exemplares*.

Cristo Que Passa

O livro recolhe algumas homilias, que constituem uma profunda e sugestiva exposição da doutrina e da vida cristã. Prólogo escrito por Mons. Alvaro del Portillo, actual Prelado do Opus Dei.

A primeira edição é de Março de 1973. Surgiram já 56 edições, em 10 idiomas, com 360 654 exemplares*.

Amigos de Deus

Colectânea de outras 18 homilias, nas quais o autor tomou as virtudes cristãs como fio condutor do seu colóquio de amizade filial com Deus. Prólogo escrito por Mons. Alvaro del Portillo.

Foi publicado em 1977, contando-se já 37 edições, em 7 idiomas, com 266 973 exemplares*.

La Abadesa de las Huelgas

Um penetrante estudo teológico-jurídico, realizado a partir das fontes e documentos sobre o caso extraordinário de jurisdição quase-episcopal por parte da abadessa do famoso mosteiro de Burgos.

A primeira edição foi publicada em 1944. A segunda data de 1974.

Via-Sacra

Obra póstuma de Monsenhor Escrivá, fruto da sua contemplação das cenas da Paixão do Senhor.

A primeira edição publicou-se em Fevereiro de 1981. Surgiram já 30 edições, em 10 idiomas, com 234 264 exemplares*.

Sulco

Obra póstuma. «Do mesmo modo que *Caminho* (...), *Sulco* é fruto da vida interior e da experiência de almas de Mons. Escrivá» (Do prólogo de Mons. Alvaro del Portillo).

A primeira edição publicou-se em Outubro de 1986. Surgiram já 23 edições, em 6 idiomas, e 263 049 exemplares*.

Forja

A última obra póstuma publicada, *Forja*, «é um livro de fogo, cuja leitura e meditação pode meter muitas almas na frágua do Amor divino e inflamá-las em afãs de santidade e de apostolado, porque este era o desejo de Mons. Escrivá» (Do prólogo de Mons. Alvaro del Portillo).

A primeira edição publicou-se em Outubro de 1987. Fizeram-se 14 edições, em 6 idiomas, e 213 319 exemplares*.

* Editados em português. Pedidos às livrarias.

ORAÇÃO

para a devoção privada

Ó Deus, que concedestes graças inumeráveis ao vosso servo Josemaría, sacerdote, escolhendo-o como instrumento fidelíssimo para fundar o Opus Dei, caminho de santificação no trabalho profissional e no cumprimento dos deveres quotidianos do cristão, fazei com que eu saiba também converter todos os momentos e circunstâncias da minha vida em ocasião de Vos amar e de servir, com alegria e com simplicidade, a Igreja, o Pontífice Romano e as almas, iluminando os caminhos da terra com a luz da fé e do amor. Dignai-Vos glorificar o vosso servo Josemaría, e concedei-me por sua intercessão o favor que Vos peço... (peça-se) Amen.

Pai-nosso, Ave-Maria, Glória.

Em conformidade com os decretos do Papa Urbano VIII, declaramos que com este **Boletim Informativo** em nada se pretende antecipar o juízo da Autoridade eclesiástica, e que esta oração não tem nenhuma finalidade de culto público.

Agradecemos as numerosíssimas cartas que nos chegam. São testemunho da devoção privada com que tantas pessoas, em todo o mundo, rezam a Deus Nosso Senhor pela intercessão de Mons. Escrivá de Balaguer. Neste **Boletim Informativo**, reproduzimos apenas, por exigências de espaço, parágrafos de algumas, que referem acontecimentos importantes ou episódios simples.

Também agradecemos, na impossibilidade de o fazer nominalmente, as esmolas que nos enviam para colaborar nas despesas da edição e distribuição deste **Boletim Informativo**, e para ajudar o desenvolvimento das obras apostólicas promovidas pelo amor às almas de Mons. Josemaría Escrivá de Balaguer.

Este **Boletim Informativo** distribui-se gratuitamente. Os que desejarem ajudar, com as suas esmolas, aos custos da edição e envio desta publicação, podem enviar essês donativos à **Vice-Postulação do Opus Dei em Portugal**, Campo Grande, 193, 1700 LISBOA; ou, então, por transferência bancária, para a conta D. O. 210/78730, do Banco Nacional Ultramarino, Arco do Cego, 1000 LISBOA.

Agradecemos o envio do nome e morada de pessoas a quem possa interessar receber este **Boletim Informativo**, ou memórias com a oração para a devoção privada.